

AGENDA POSITIVA

Economia - Brasil

Apesar de reconhecer a necessidade de reorganizar a base aliada, o presidente se dedica, neste início de ano, a resolver problemas que possam impedir a realização do “espetáculo do crescimento”

Lula impõe rédea curta na economia



MÚCIO: EXPANSÃO DO PIB “É IMPORTANTE PARA O PAÍS, E NÃO PARA O GOVERNO”

DANIEL PEREIRA
DA EQUIPE DO CORREIO

“É a economia, idiota.” A célebre frase do marqueteiro James Carville, revelando ao então candidato Bill Clinton o segredo para conquistar a Presidência dos Estados Unidos, está em voga no Palácio do Planalto. Apesar da necessidade de reorganizar sua base parlamentar depois da derrota na votação da CPMF, a principal preocupação do presidente Luiz Inácio Lula da Silva, neste início de ano, não é com o Congresso, mas com a manutenção do ritmo de crescimento do Produto Interno Bruto (PIB), que foi de cerca de 5% no ano passado, segundo estimativas oficiais e do mercado financeiro.

Ressabiado com a crise no segmento imobiliário americano, Lula determinou a ministros e auxiliares que monitorem, com atenção redobrada, seus respectivos setores. Quer abater no nascedouro problemas que possam conter a expansão da economia. A precaução não é à toa. Integrantes do governo sabem que a taxa de 5% explica boa parte da avaliação positiva do presidente e de sua gestão. Têm consciência de que tal percentual é um trunfo eleitoral de Lula e seus aliados.

“Estamos crescendo. O Brasil serve hoje a todos e não apenas a privilegiados”, diz o ministro de Relações Institucionais, José Múcio Monteiro, citando, em seguida, “números positivos” sobre geração de emprego e consumo das famílias. “É importante manter isso para o país e a sociedade, e não para o governo”, acrescenta. Desde janeiro, o presidente já tomou duas decisões que não deixam dúvidas sobre sua obsessão com o desempenho econômico.

Chefe em campo

Na quarta-feira passada, convocou reunião para discutir a possibilidade de racionamento de energia, admitida pelo presidente da Agência Nacional de Energia Elétrica (Aneel), Jerson Kelman. Depois de ouvir da ministra-chefe da Casa Civil, Dilma Rousseff, que não há risco de corte no fornecimento, o presidente mandou os governistas alardearem a promessa de garantia de abastecimento. “Não me venham cortar a luz dos consumidores”, teria bradado Lula na reunião.

Vazado para a imprensa, o recado foi dado aos ministros mas tinha como destinatário final o setor produtivo. O objetivo foi impedir que eventuais precauções por parte dos empresários atrassem a realização de novos investimentos. No primeiro dia útil de 2008, Lula já havia mandado um recado à equipe econômica. Ao aumentar o Imposto sobre Operações Financeiras (IOF) para compensar o fim da CPMF, mostrou disposição para conter um pouco o crescimento do crédito.

Tentou, assim, minar um dos possíveis argumentos do Banco Central para aumentar a taxa básica de juros (Selic), medida que restringe a expansão do PIB. Já ao optar por um corte de R\$ 20 bilhões no Orçamento da União de 2008, e não de R\$ 40 bilhões, como renderia a CPMF, o presidente deixou claro para os ministros Guido Mantega (Fazenda) e Paulo Bernardo (Planejamento) que o estilo desenvolvimentista tem de prevalecer. Um ajuste fiscal maior, lembrou Lula aos auxiliares, era bandeira de campanha do tucano Geraldo Alckmin. Bandeira derrotada nas urnas, arrematou o presidente.